



Cerrado, o berço das águas, fora da Constituição

Tem coisa que parece piada, mas não é. O Brasil, país da biodiversidade, dos rios imensos, das florestas que fazem chover, da fartura de frutos, do canto dos pássaros e do calor da terra vermelha, esqueceu o próprio coração: o Cerrado. Isso mesmo. O segundo maior bioma do país. O mais antigo do planeta em atividade. O que toca todos os outros como se fosse um maestro da vida — e ainda assim, não está na Constituição Brasileira.

Bizarro? Absurdo? Inacreditável? Sim, sim e sim.

Desde 2003, seis projetos de lei dormem nas gavetas do Congresso, à espera de que alguém se levante e diga o óbvio: não há Brasil sem Cerrado.

E o que é o Cerrado, afinal? É berço. É ventre de rios. É a mãe das águas da América do Sul. Dos seus solos profundos brotam os aquíferos Guarani, Bambuí e Urucua, que alimentam oito das 12 bacias hidrográficas do Brasil.

Setenta por cento das águas do continente nascem ali. Sim, aquele chão retorcido, de árvores baixas e raízes longas, é onde começa o fluxo que sustenta cidades, plantações, florestas, gente.

O Cerrado é um corredor ecológico que abraça a Amazônia, o Pantanal, a Mata Atlântica, o Pampa e a Caatinga. Ele costura o país com sua diversidade exuberante — são mais de 320 mil espécies, muitas delas endêmicas, que não existem em nenhum outro lugar do mundo. É território dos superalimentos. É casa do pequi, do baru, do araticum. É morada sagrada de povos



originários, de raizeiros e curandeiras que carregam uma sabedoria milenar.

Mas o Cerrado não tem status constitucional. Não tem nome no artigo 225, parágrafo 4º da Constituição, aquele que deveria proteger os biomas. O texto menciona a Amazônia, a Mata Atlântica, o Pantanal, a Zona Costeira e os Pampas. Mas ignora o Cerrado e a Caatinga — justamente os biomas mais vulneráveis, mais

ameaçados, mais essenciais para a segurança hídrica do país.

Falta de quê? De vontade política? De visão? De escuta? De dados não é.

Se o Cerrado some, seca o país. Seca o Brasil e seca os vizinhos. O Paraguai e a Argentina dependem da água que nasce no coração do nosso território. E, mesmo assim, seguimos derubando, queimando, exportando em toneladas e esquecendo em silêncio.

Em conversa recente com o @chefvinciusrossignol, que está liderando o movimento pelo Cerrado na Constituição, eu me senti inspirada para escrever esta crônica convidando o amigo leitor a nos unir nessa missão.

O Cerrado precisa estar na Constituição. O Cerrado é bioma. É patrimônio. É urgência. É símbolo de um Brasil que ainda pode escolher proteger a sua própria alma.